

Considerações acerca da obra de Marija Gimbutas, suas ideologias pessoais no campo da Arqueologia e a idilização do Báltico

André S. Muceniecks

60

Resumo: o artigo trata acerca de aspectos pouco discutidos da obra da arqueóloga lituano-americana Marija Gimbutas, mais conhecida popularmente no ocidente por suas obras referentes à idílica “Antiga Europa” e à “Civilização da deusa”, mas mais influente no âmbito científico e acadêmico por suas contribuições no campo dos estudos indo-europeus. Em particular, analisamos a influência de sua bibliografia pessoal na construção de seu conhecimento arqueológico referente aos estudos indo-europeus e balto-eslavos; a preferência a este âmbito de sua obra em detrimento aos seus mais discutidos e conhecidos estudos, declaradamente de gênero, deve-se não apenas à sua maior aceitação e influência no meio científico. Mas também no campo potencial que um conhecimento supostamente “neutro” revela na detecção das motivações e ideologias subjetivas, fundamentadas na experiência pessoal, e na própria percepção do delineamento e evolução de suas idéias posteriores de gênero.

Palavras-chave: Gimbutas. Arqueologia. História. Ideologia. Báltico.

Reflexions about the work of Marija Gimbutas, her personal ideologies in Archaeological Thought and the Idilization of the Baltic Area

Abstract: *this article studies some aspects that remain outside the scope of the most part of the arguments about the archaeologist American Lithuanian Marija Gimbutas, popularly well-known in the occident for her ideas about the “Old Europe” and the “Civilization of the Goddess” but more influent in the scientific and academic scopes for her contribution in the field of the Indo-European studies. Particularly we analyze how her personal biography guides the construction of the archaeological knowledge concerning the Indo-European and Balto-Slavic studies. The preference for the ambit of her previous workmanship despite of her more popularly known and discussed studies, stating it as the gender one, is not only for its great acceptance and influence in the scientific environment. But also in the potential field that “a supposedly neutral” knowledge discloses in the detention of the motivations and subjective ideologies, based on the personal experience, and the proper perception of the delineation and evolution of its posterior sort of ideas.*

Keywords: *Gimbutas. Archaeology. History. Ideology. Baltic.*

INTRODUÇÃO

62 Marija Gimbutas foi provavelmente a arqueóloga mais influente nos EUA no último século. De sua autoria são as hipóteses mais amplamente aceitas acerca de migrações indo-européias e culturas arqueológicas relativas aos kurgans, bem como as mais polêmicas (e já desacreditadas no meio acadêmico, ainda que não entre ligados a movimentos feministas e *New-Age*) que definem o conceito de “Antiga Europa”¹, marcada pela religião centrada no culto à Deusa mãe, cultura matrilinear e pacifismo. Apesar disso, seu nome é bastante desconhecido no meio brasileiro (acadêmico ou não), com a exceção de grupos restritos.²

Nosso objeto principal de estudo consistirá na obra de sua primeira fase, referente à cultura dos kurgans, estudos indo-europeus e, em particular, estudos referentes a Baltos e Eslavos. Tal escolha não é arbitrária, e será melhor justificada no decorrer do artigo, mas centraliza-se no suposto caráter “neutro” de tais obras síntese, e em suas oposições características à obras posteriores. Em obras mais tardias como “The civilization of the Goddess” as características marcantemente feministas e de gênero são declaradas

¹ “Old Europe”.

² Sobre a questão da Deusa- Mãe, Fleming e Ucko são os maiores críticos. Um bom resumo da questão é FLEMING, Andrew. The myth of the mother-goddess. **World Archaeology**, 1969.

abertamente, e sua ideologia característica encontra-se claramente enunciada.

Pretendemos demonstrar aqui que as obras iniciais da carreira de Gimbutas, marcadas por trabalhos-síntese, aparentemente descritivos e “neutros”, consistem em campo fértil de estudo da compreensão de como suas ideologias evoluiriam posteriormente, em particular quando estudadas em conjunto com sua história de vida. Tal estudo consiste também numa análise acerca da natureza subjetiva e ideológica do conhecimento arqueológico e histórico, e dos meios pelos quais as experiências pessoais e o tempo presente do historiador produzem marcas indelévels em sua construção científica.

1. VIDA E OBRA³

Também conhecida como Marija Alsekaite Gimbutiene⁴, nasceu em Vilnius, Lituânia, em 1921, e passou parte de sua juventude na Europa da 2ª grande guerra. Iniciou seu mestrado na Universidade de Kaunas, em 1938, mas o interrompeu com a invasão soviética da Lituânia em 1940, tendo engajado-se no movimento de resistência. Em 1941 casa-se com Jurgis Gimbutas. Com a conseguinte ocupação

³As informações cronológicas gerais, a não ser quando referidas especificamente, são da cronologia de Chapman, (1998, p. 299). As datas e informações sobre as obras, obtidas nas mesmas.

⁴Forma lituana-feminina do nome, pela qual assinava com freqüência. No idioma lituano, os sobrenomes são escritos em formas masculina ou feminina.

da Lituânia pelo exército nazista, Gimbutas transferiu-se para a universidade de Vilnius, dando continuidade em seu mestrado nos anos de 1942-43. É impossível dizer qual a natureza dos sentimentos e concordâncias de Gimbutas em relação ao regime nazista, mas parece claro que entre ele e o poder soviético, Gimbutas considerava-o o “mal-menor”.

Com a segunda invasão do exército vermelho em 1944, Gimbutas, seu marido e filhos mudaram-se para Viena, e, em seguida, para Tübingen, Alemanha, onde ela realizou seu doutorado (“Enterramentos na Lituânia na época pré-histórica”) e pós-doutorado, auto-financiados, até 1949, ano em que emigrou para a Costa Leste dos EUA com a família.

Residindo em Cambridge, Marija buscou emprego em Harvard, mas apenas conseguiu um trabalho não-remunerado no museu Peabody, sustentando a família com trabalhos de meio-período até 1953, quando conseguiria uma posição remunerada de tempo integral. Em 1956 publicaria ali sua primeira grande obra, “The pre-history of Eastern Europe. Part I”, sendo que em 1958 completaria “Bronze Age cultures of Central and Eastern Europe”(GIMBUTAS, 1965), publicado apenas em 1965.

Após tantos anos de desgaste motivados pela resistência ao fato de ser mulher “num ambiente machista e fechado”⁵, Gimbutas mudou-se para a Stanford University, na Costa Oeste americana, em 1962-63, tornando-se professora

⁵ Nos termos empregados por Chapman (1998, p. 299).

associada por um ano, após o que seria apontada como integral. Tal período consistiu num marco em sua produção científica. Com adequada remuneração, reconhecimento e menores pressões no ambiente de trabalho, muitas de suas idéias mais ousadas viriam à tona. Nos primeiros anos publicou e desenvolveu mais amplamente suas idéias acerca das migrações indo-européias que já vinha paulatinamente desenvolvendo (em particular de 1956 a 1963) sendo que posteriormente, em 1980, publicaria uma versão mais expandida da idéia, já falando em termos de “três ondas de movimentos dos kurgans”, bem como maiores assimilações e misturas entre invasores e invadidos (GIMBUTAS, 1980).

No entanto, o trabalho que lhe traria o reconhecimento do grande público (e resistências no meio acadêmico) seria o referente à “Antiga Europa”. Após mais de uma década dedicando-se ao estudo de imagens de figuras femininas nos Neolítico e Calcolítico da Europa Oriental, publicaria sua primeira monografia dedicada à temática, “The Gods and Goddesses of Old Europe”⁶(em 1974).

Gimbutas permaneceu em seu posto até 1991, quando se aposentou e se tornou professora emérita.

Em seus últimos anos de trabalho, associou-se a Joseph Campbell, e foi fortemente adotada por movimentos feministas e New Age (ainda que não os “adotasse”).

⁶ Que, oito anos depois seria republicada e revisada, com a alteração na ordem dos substantivos: “The **Goddesses** and **Gods** of Old Europe”, nome pela qual passou a ser referida em Gimbutas, 1974.

Ainda que a fase final da obra de Gimbutas (relacionada à grande-deusa) seja a mais polêmica e em voga atualmente, não é nela que nos centraremos, mesmo por ter sido certamente a mais analisada sob pontos de vista críticos.. Antes, efetuaremos uma análise de suas propensões políticas, reconstruções e emprego da subjetividade na construção do conhecimento arqueológico, justamente na parte de sua obra que se considera mais “adequada” ao meio histórico-cultural e masculino das décadas de 50-70 na Costa Leste americana, ou seja, no período de escrita de seus trabalhos referentes à Idade do Bronze, em particular no relacionado à arqueologia dos baltos e, em menor grau, dos eslavos.

2. A IDADE DO BRONZE E OS KURGANS

“Bronze Ages Cultures of Central and Eastern Europe” foi a obra que concedeu renome a Marija Gimbutas como especialista no Bronze da Europa Oriental. Reunindo uma quantidade impressionante de material de idiomas inacessíveis à grande maioria dos pesquisadores ocidentais, em conjunto com metodologias e tipologias comuns na Europa Ocidental e América do Norte (mas não tão comuns na Europa Oriental, em particular na URSS), o resultado foi uma síntese inédita e de grande alcance, na qual Gimbutas traçava continuidades e afinidades entre as culturas centro-

européias do bronze, em particular lusaciana, com outras do norte e leste europeus no período do Bronze.

Nesta fase inicial de sua produção científica, Marija Gimbutas avançou a hipótese que o próprio Renfrew consideraria (RENFREW, 1999[1987], 18s, 39s) bastante fundamentada arqueologicamente acerca dos movimentos e migrações de populações indo-européias oriundas das estepes do sul da Rússia e norte do mar Negro (ainda que dela discordasse e propusesse uma outra alternativa). Inicialmente sua idéia fundamentar-se-ia num único movimento, mas com o decorrer do tempo ela seria ampliada com a sugestão de pelo menos três grandes ondas migratórias dos kurgans, em 4400-4300 a.C., 3400-3200 a.C. e 3000-2800 a.C.⁷

Segundo esta teoria, movimentos de populações semi-nômades, pastoris e fortemente belicistas vindas das estepes russas teriam invadido a Europa neolítica e promovido grandes transformações sociais e a destruição das culturas nativas, identificadas por Marija como pacíficas, sedentárias e agrícolas, praticantes do culto à Deusa mãe e formadoras de uma sociedade matriarcal criativa e artística.

A idéia inicial (ao menos acerca da localidade de origem) em si não era nova, e já fora apontada anteriormente por Schrader e Gordon Childe, mas Gimbutas sem dúvida

⁷ Numa série de artigos publicados principalmente no **Journal of Indo-European Studies**, datando de 1973, 1977, 1980, 1985 e 1989.

alguma empregou uma quantidade muito maior de informação e material oriundo das escavações, bem como recursos de datações mais precisas. A única grande “ameaça” a esta idéia foi a teoria proposta na década de 80 por Colin Renfrew (1999 [1987]); propondo uma resposta processual ao problema indo-europeu, e identificando a difusão indo-européia pela Europa com movimentos agrícolas vindos do Oriente médio (em particular da Turquia) milênios antes. Desta forma, a expansão indo-européia confundir-se-ia com a própria propagação da agricultura para o continente europeu.

Idéias posteriores, fortalecidas por pesquisas genéticas e de outras ciências, em particular mais recentemente, com Cavalli-Sforza “The geography of Gens” (2003 [2000]), vêm propor conciliações entre as duas teorias. De qualquer forma, a hipótese de Gimbutas das migrações voltou à tona⁸, sendo ainda a mais aceita nos meios de estudos indo-europeus, mas não se pressupõe mais uma exclusão entre as duas idéias. Mas a hipótese de uma “Antiga Europa” pacífica e matriarcal, de uma “Idade de Ouro” foi paulatinamente desmontada por outros especialistas em Europa do Sudoeste⁹, e a esta idéia de “Idade do Ouro” retornaremos mais adiante.

Sendo válida ou não, a hipótese dos Kurgans merece outro tipo de atenção, sobre outro ponto de vista. Mais de um

⁸ Juntamente com o arrefecimento da arqueologia processualista e um certo retorno (ou tolerância) à explicações de cunho migracionistas. As mesmas referidas pesquisa de Cavalli-Sforza apontam para uma natureza dêmica, e não apenas cultural do fenômeno de difusão indo-europeu.

⁹ Em particular Fleming (1969) e Meskell (1995).

autor (dos quais destacamos John Chapman e Lynn Meskell) já se referiram à similaridade dos movimentos de Kurgans propostos por Gimbutas e às próprias invasões sofridas pela Lituânia na 2ª guerra mundial (figura 1).

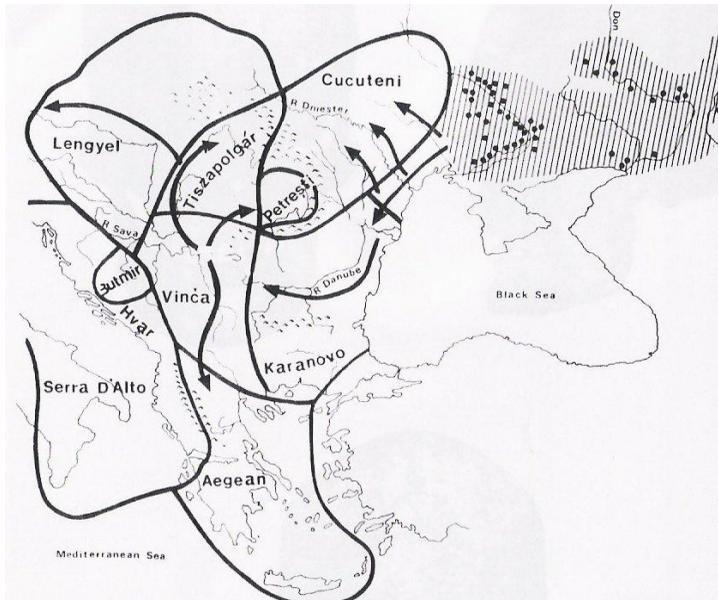


Figura 1: "Kurgan thrust (arrows) into Old Europe at. C.4400-4300 B.C."
In: GIMBUTAS, 1977, p. 312.

As linhas dos avanços dos kurgans frente à "Antiga Europa" e as do avanço soviético sobre a Europa Oriental são particularmente similares, e torna-se muito forte e clara a idéia da influência sofrida por Gimbutas de seu próprio presente na construção de seu conhecimento arqueológico. Ela fala de um passado distante e milenar e da destruição de uma Europa

idílica e pacífica, da parte de populações bárbaras, selvagens e destruidoras, vindas das estepes russas, e é impossível desvincular seu presente e sua fuga de sua amada Lituânia dos invasores vindos da URSS. O contraste é explícito na tabela por ela apresentada em 1977, onde apresenta uma marcada dualidade entre a Antiga Europa e a cultura dos kurgans (figura 2):

	OLD EUROPEAN CULTURE	KURGAN CULTURE
<u>ECONOMY</u>	AGRICULTURAL (WITHOUT THE HORSE), SEDENTARY	PASTORAL (WITH THE HORSE)
<u>HABITAT</u>	LARGE AGGREGATES VILLAGES AND TOWNSHIPS	SMALL VILLAGES WITH SEMI-SUBTERRANEAN HOUSES
<u>SOCIAL STRUCTURE</u>	EGALITARIAN MATRILINEAR SOCIETY	PATRIARCHAL, PATRILOCAL
<u>IDEOLOGY</u>	PEACEFUL, ART-LOVING WOMAN GREATNESS	WARLIKE MAN CREATOR

Figura 2: “Two opposite cultural systems, Old European and Kurgan, 5th – 4th millenia B.C”
In: GIMBUTAS, 1977.

Não apenas inspiradora da idéia dos “kurgans”, sua história de vida também produziria o móvel para a criação de seu paraíso feminino e idílico na “Antiga Europa”. Trataria-se de uma gradual expansão da idéia da perda da Idade de Ouro. Se inicialmente detectava-se este paraíso na Lituânia

(como veremos a seguir), as descrições da “Antiga Europa” reforçariam cada vez mais as características vistas por Gimbutas como ideais e paradisíacas.

É curioso notar, entretanto, que as formas ideológicas de Gimbutas não passam pelo caminho comum do nacionalismo e glorificação da pátria, ao menos não da forma tradicional e vinculada à guerra e expansão do espaço vital correntes desde a criação da Arqueologia e da História enquanto disciplinas de *status* científico. Ainda que a idéia de uma Europa matriarcal posteriormente destruída por pastoralistas indo-europeus apresente uma rejeição e oposição ao componente vindo do Oriente Médio, esta não o é da forma mais comum encontrada no meio acadêmico alemão no qual Gimbutas formou-se, influenciada por idéias de supremacia e distinções raciais. Antes, a rejeição do componente do Oriente Médio e da preferência ao elemento “europeu” dá-se de forma específica como uma rejeição ao fator destrutivo, belicista e “masculino”. Os invasores orientais são apresentados como vândalos e destruidores não por serem do Oriente, mas por representarem o *masculino*. Desta forma, idéias como a influência de culturas nilóticas e mesopotâmicas não são excluídas do componente da “civilização” europeia, havendo antes a consideração de um quadro inclusivo na sua “Antiga Europa”, que incorporaria, além dos Balcãs, as ilhas gregas, a Anatólia e o Egito.

A diferença de atitudes e a força das motivações pessoais, bem como sua associação clara (e mesmo *consciente*) do passado estudado ao seu presente, são dadas numa de suas últimas entrevistas:

(*falando da Antiga Europa*): This was the attraction – beautiful pottery, painting. It was like going back to paradise after what had happened later”;
 (*falando sobre a Europa do Bronze*): “Weapons, weapons, weapons, ... like TV – war, war, war, war, whatever channel. All the descriptions of swords, daggers and others weapons, and that warrior culture which continued for 5.000 years up till this day, exhausted me. I didn’t like it and I don’t look at it (..) The Indo-European work was misery ... the later work was a deliverance (apud CHAPMAN, 1998, p. 307).

3. *THE BALTS*

No ano seguinte à sua mudança da Costa Leste para Oeste (1963), Gimbutas foi contatada por Glynn Daniel a fim de que redigisse um livro acerca dos baltos para a coleção “Peoples and Places” da Thames and Hudson. O resultado, “The balts”, receberia posteriormente uma adição referente à mitologia, e tornou-se síntese única no gênero, não apenas no mundo ocidental. Constitui-se ainda na principal obra de

referência empregada por germanistas, estudantes de Escandinávia e Leste-Europeu quando confrontados em seus ramos de pesquisa com a necessidade de contextualização de conhecimentos referentes aos antigos baltos anteriores à época medieval.

Mas quem são estes baltos? Trata-se de populações de ramo próprio de língua indo-européia, que do Neolítico até o Medievo habitavam a região Sudoeste do mar Báltico, tendo por vizinhos germânicos e escandinavos ao Sul e a Oeste, eslavos a Leste e Sul, e populações fino-úgricas não-indo-européias a Norte e Leste. Na atualidade, seus remanescentes são as populações da Lituânia e Letônia, sendo que a Estônia é habitada por falantes de linguagem fino-úgrica, aparentada ao finlandês e, mais distantemente, aos lapões (sami) e húngaros.

O vínculo de Gimbutas com a região em estudo, portanto, extrapola o interesse acadêmico e remonta à sua infância passada na Lituânia; uma escrita carregada de conteúdo emocional, que contribuiria em muito à paixão colocada por ela na escrita do livro. Como a autora afirma no Prefácio:

Este livro foi escrito em Stanford (...) numa colina de onde se descortina uma visão ampla de todas as direções. Aqui, em certos momentos, eu imaginava as colinas e as encostas do castelo de Gediminas, em Vilnius, cobertas de carvalhos

verdes, a minha cidade natal no coração das terras bálticas, da qual estou ausente há quase vinte anos. As dunas de areia da Califórnia, em Carmel, me recordam a branca e pura areia de Palanga, onde eu costumava recolher punhados de âmbar; o crepúsculo do Pacífico me lembra um sol repleto de paz mergulhando no mar Báltico; meus antepassados acreditavam que lá, no poente, existia a árvore cósmica, o eixo do mundo, sustentando a abóboda do céu (GIMBUTAS, 1985).¹⁰

74

Em quesitos metodológicos, “The Balts” não apresenta grandes inovações. Consiste numa síntese basicamente construída sobre bases histórico-culturais, com algumas inovações já iniciadas anteriormente por Gimbutas em “Bronze Age Cultures”, como um emprego muito mais acentuado da ciência linguística e o desenvolvimento do conceito cunhado pela própria Gimbutas de “Archaeomythology” (arqueomitologia).

Nele, Gimbutas traça a história dos baltos desde o Neolítico (quando supostamente chegaram às praias do Báltico os primeiros falantes de idiomas indo-europeus, que teriam mesclado-se à população fino-úgrica original) até o início do período histórico, marcado pelas expedições de

¹⁰ *The Balts*, prefácio. Aqui citamos a versão para o português, tradução de Antanas Gaulia.

cruzadas religiosas no norte da Europa dirigida por teutões e escandinavos.

Seu retrato do balto, entretanto, é peculiar, e demonstra uma clara transição e incorporação das ideologias de Gimbutas de antes e depois de sua mudança de residência para a Califórnia. Conquanto “The Balts” enquadre-se bem no padrão de trabalhos “síntese” efetuados no seu período no Peabody, e sua metodologia não tenha sofrido alterações (na verdade, Gimbutas manteve-se por toda a vida fundamentada em explicações de matriz migracionista e histórico-cultural), é ali que ela demonstra boa parte da inspiração de seus escritos posteriores.

Já em seus últimos anos de vida em “The Civilization of the Goddess” (GIMBUTAS, 1991), ela nos dá a pista do pensamento-matriz que tanto tempo a inspirou: “A cultura dos bálticos (...) é uma verdadeira fusão de sistemas sociais e religiosos da Antiga Europa e Indo-Européia (...). O patriarcado indo-europeu é diluído aqui por elementos antigo-europeus de matrilinearidade, matrilocidade, matricentralidade”.¹¹

¹¹ Trecho original completo: “ The culture of the Baltic speakers, Prussians, Lithuanians, and Latvians farther east along the Baltic Sea coast is a true blend of Old European and Indo-European social systems and religions. The Indo-European patriarchy is diluted here by Old European elements of matriliney, matrilocality, matricentrality. The Old Prussian term for grandmother was *ane* (compare with the Old Irish *anu* or *ana* for "old hag" and "guardian of the dead"). The important role of the mother's and wife's brother, as well as traces of endogamy and trial marriage, are well attested in Latvian and Lithuanian folklore. The matricentric pantheon of goddesses among the Balts is as strongly preserved as among the Basques. The Slavic culture is equally replete with matricentric elements, with goddesses preserved in Slavic folklore and folk art as they are in the Baltic and Basque cultures.” (GIMBUTAS, 1991)

Em primeiro lugar, portanto, é nos países bálticos, em particular na Lituânia, que Gimbutas localiza um lugar antigo e idílico, a mistura perfeita das coisas, onde a cultura e a religião da “Antiga Europa” (femininas) *diluíram* o elemento indo-europeu (portanto, em seu ponto de vista, *masculino*). Os bálticos (e, posteriormente, também os eslavos) são comparados às mais antigas culturas européias, os bascos¹².

Em complemento, no entanto, os baltos são também apresentados como portadores da civilização para os habitantes de florestas fino-úgricos (que, não obstante terem deixado o legado da deusa, careceriam de tecnologia). Para tanto, o suporte é novamente fornecido pela lingüística:

The great numbers of loan-words and the whole series of terms in connection with food-producing economy and technology indicate that the Balts were **the carriers of civilization towards the north-east of Europe** inhabited by the Finnic-Ugrians hunters and fishers (GIMBUTAS, 1963, p. 36, grifo nosso).

No quesito de territorialidade e possíveis inclinações nacionalistas, as posições de Gimbutas mantêm-se singulares. O território balto “original” teria sido muito mais extenso que no presente, e, para tanto, a evidência de topônimos e nomes de rios é apresentada. Neste território

¹²Que não falam um idioma indo-europeu e são considerados como habitantes anteriores aos movimentos indo-europeus.

ancestral, os grupos indo-europeus diluíram-se, mesclaram-se com as culturas fino-úgricas locais, mantendo assim preservadas as melhores características da civilização da deusa. Sua extensão territorial veio a ser drasticamente reduzida aos limites atuais de Letônia e Lituânia principalmente devido às expansões eslávicas (posteriormente, às germânicas), e aqui poderia sugerir também a repetição e similaridade com os kurgans de sua temática presente da expansão russo-soviética (portanto, eslava) na inspiração de Gimbutas, mas é justo notar que tal modelo de exclusão étnica não é nunca defendido por ela. Tanto que, posteriormente, Gimbutas publicará também “The Slavs” (Os Eslavos¹³), ainda que não com a mesma paixão demonstrada em “The Balts”. O elemento opressor, antes de racial, ainda consiste numa representação do *masculino*.

De forma mais significativa, Gimbutas também reconheceu nas culturas e mitologias eslávicas grande parte das mesmas características de permanências da “Antiga Europa”¹⁴, como uma sociedade de marcas matriarcais, uma mitologia com grande número de divindades femininas, entre outros quesitos já apontados. Por fim, o repúdio às segmentações raciais é demonstrado claramente nesta passagem de “The Slavs”: “Os Eslavos não constituem um grupo de povos do mesmo sangue; não há uma raça eslava,

¹³ Empregamos a versão para o português. Gimbutas (1985).

¹⁴ Vide a referência na nota 07.

como não há uma raça românica ou uma raça germânica” (GIMBUTAS, 1985).

A contrariedade apresentada por Gimbutas, portanto, revela-se contra o elemento opressor para ela representado pela URSS e em última instância de análise, masculino. É notório que ela tenha sido condecorada com ordens de méritos literário e científico pelos governos da Itália, Bulgária, Iugoslávia, Grécia e Lituânia, tendo nesta última recebido um doutorado honorário pela universidade de Vilnius, enquanto que na URSS a leitura de “The Balts”, em contrapartida, era proibida.

78

CONCLUSÕES

O trabalho de Marija Gimbutas é extenso, complexo e fruto de extrema erudição e esforço. Demonstra de forma marcante os rumos que a subjetividade e as experiências do presente do estudioso podem vir a imprimir na sua construção do conhecimento científico. Seu passado na Lituânia, a invasão e conseqüente dominação de sua terra natal e seu exílio foram marcas que inspiraram idéias e imprimiram conceitos em suas obras, mas que nem por isto podem desmerecer as idéias em si. O valor científico de grande parte da obra de Gimbutas permanece, e sua contribuição foi muito grande no campo da arqueologia, em particular nos estudos indo-europeus. Fica ressaltada a necessidade de atenção

constante da parte do historiador ao produzir um conhecimento novo, em particular sobre que reflexos sobre a sociedade tal conhecimento possa vir a produzir, que ideologias pode reafirmar e desconstruir. A subjetividade pessoal sempre estará presente e afetará o pesquisador, seja na forma de inspiração, doutrina e ideologia, seja de forma pouco ou muito percebida. O uso do conhecimento histórico e arqueológico foram amíúde empregados como formas de legitimizações diversas de governos, sistemas totalitários e ideologias específicas (HERING, 2006, 148s). No caso específico de Gimbutas, a parte selecionada aqui de sua obra reflete resistências contra a ocupação de sua terra ancestral com construções idílicas sobre a mesma, uma ideologização que poderíamos chamar quase que “inocente”, quando contraposta aos usos e abusos já efetuados com o conhecimento arqueológico, como por exemplo seu uso pelo 3º *reich* como “legitimação da política cultural e racial do nacionalismo-socialismo” (OLIVIER, 2006, p. 167). Cabe ao historiador e ao arqueólogo a busca da construção de um conhecimento crítico e consciente de sua própria subjetividade e do presente de onde se fala.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

80

CAVALLI-SFORZA, Luigi Luca. **Genes, povos e línguas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003 [2000].

CHAPMAN, John. The impact of modern invasions and migrations on archaeological explanation. A biographical sketch of Marija Gimbutas. In: DÍAZ-ANDREU, M.; STIG-SØRENSEN, M. (Eds.). **Excavating Women**. London: Unwin, 1998. p. 295-314.

FLEMING, Andrew. The myth of the mother-goddess. **World Archaeology**, p.247-261, 1969.

GIMBUTAS, Marija. **The Balts**. London: Thames and Hudson, 1963.

_____. **Os Baltas**. Tradução pela Lithuanian American Community. RJ: Ed. Neris, 1985.

_____. **Bronze Age cultures in Central and Eastern Europe**. The Hague/London: Mouton, 1965.

_____. **The Civilization of the Goddess.** San Francisco: Harper-Collins Publishers, 1991.

_____. **Os eslavos.** Lisboa: Editorial Verbo, 1985.

_____. The first wave of Eurasian Steppe Pastoralists into Copper Age Europe. **Journal of Indo-European Studies**, v.05, n. 04, p. 277-337, 1977.

_____. **The Goddesses and Gods of Old Europe 3500 - 3500 BC.** University of California Press, 1974.

_____. The Kurgan Wave #2 (c.3400-3200 B.C.) into Europe and the following transformation of culture. **Journal of Indo-European Studies**, v.08, n. 03, p. 273-315, 1980.

HERING, Fábio Adriano. **Arqueologia e nacionalismo na Europa no século XIX: a Grécia antiga e sua reativação moderna.** In: FUNARI, Pedro Paulo A. Funari, ORSER, Charles E.; SCHIAVETTO, Solange Nunes de Oliveira (Orgs.). *Identidades, discurso e poder: estudos de arqueologia contemporânea.* São Paulo: Anablume, 2006.

MESKELL, Lynn. Goddesses, Gimbutas and 'New Age' Archaeology. **Antiquity**, 1995.

OLIVIER, Laurent. **A arqueologia do 3° reich e a França: notas para servir ao estudo da “banalidade do mal” em arqueologia.** In: FUNARI, Pedro Paulo A. Funari, ORSER, Charles E.; SCHIAVETTO, Solange Nunes de Oliveira (Orgs.). *Identities, discurso e poder: estudos de arqueologia contemporânea.* São Paulo: Anablume, 2006.

RENFREW, Colin. **Archaeology & Language: The Puzzle of Indo-European Origins.** Cambridge: Cambridge University Press, 1999 [1987].